

A comemoração de datas histórico-culturais e religiosas na escola: um lugar de memória e de representações

Romilton Batista de Oliveira¹

1. INTRODUÇÃO

Atualmente nós temos várias datas que são importantes no calendário mundial e brasileiro. O calendário, objeto científico, também é objeto cultural, e não obstante a laicização de muitas sociedades, ele é, manifestamente, um objeto religioso. Mas, enquanto organizador do quadro temporal, diretor da vida pública e cotidiana, o calendário é, sobretudo, um objeto social. Muitas datas foram fixadas pelo poder sacro da Igreja Católica, como bem afirma Le Goff (2003, p. 480-481):

O lugar que o calendário ocupa nos primeiros séculos do cristianismo demonstra a sua importância para a Igreja cristã. A apocalíptica hebraica do I Século d.C. confere um caráter sagrado ao calendário, considerado “expressão da determinação do tempo de Deus” (Danielou e Marrou, 1963, p.65)”. [...] Não obstante os estreitos laços entre calendário e liturgia, entre calendário e poder religioso, o calendário litúrgico e o corrente acabaram por ser mais ou menos independentes, quer devido à laicização do tempo à imagem dos poderes públicos, quer devido ao fato de, mesmo numa sociedade tradicional, ter-se introduzido uma distinção entre os dois calendários.”

O calendário conduz paradoxalmente à instituição de uma história cronológica dos acontecimentos. À data, ao ano e, possivelmente ao mês e ao dia agarram-se os fatos históricos. E, a partir daí, selecionam-se as principais datas que precisam ser lembradas, memorizadas através da prática de suas comemorações.

Neste artigo, ancorado pela perspectiva da memória coletiva, convém que, no instante em que o grupo desaparece, a única forma de salvar as lembranças, que para os grupos existentes são exteriores: “é fixá-las por inscrito em uma narrativa seguida uma vez que as palavras e os pensamentos morrem, mas os escritos permanecem (HALBWACHS,1990, p. 80). Dessa forma, a memória que é história viva e vivida,

¹ Romilton B. de Oliveira é estudante atualmente de Pós-graduação em Estudos Comparados de Literatura em Língua Portuguesa. É Especialista em Leitura e Produção Textual na Escola (UESC) e Especialista em Gestão do Trabalho Pedagógico (UNIME).

permanece no tempo, renovando-se. A memória não faz corte ou ruptura entre passado e presente porque "retém do passado somente aquilo que está vivo ou capaz de viver na consciência do grupo que a mantém (idem, 1990, p. 81).

Percebemos que há datas que têm resistido ao tempo e se conservaram, preservando a sua tradição, conservando a sacralização que lhe é inerente, porém há datas que não conservaram a sua tradição e foram transformadas (e até mesmo dessacralizadas) no decorrer do tempo a partir de intervenções artísticas, históricas e de novas interpretações concebidas a elas por intermédio da alteridade e da *diferença* e da reconstrução ou desconstrução, oriundos da nova ordem – a *globalização*².

2. As datas comemorativas na escola frente aos paradigmas dos novos tempos

A comemoração do “Dia da Independência” sofreu muitas mudanças nos nossos dias. O desfile cívico representava e identificava uma sociedade centralizadora que possuía uma concepção de conhecimento acabado, pronto, fixo, de cultura homogênea. Hoje crianças, homens e mulheres, oriundos de culturas heterogêneas, grupos sociais minoritários, os sem-terra, entre outros segmentos da sociedade, usam o local como forma de protesto para se identificarem. Um grande espetáculo artístico-histórico-cultural acontece, representando a cultura híbrida de nosso povo, ou seja, a diversidade cultural, um espaço no qual culturas se cruzam, identidades culturais se apresentam.

As transformações também ocorreram nas datas religiosas, pois leis e políticas públicas foram criadas atualmente, e o comportamento dos cidadãos também sofreram mudanças. Mudaram-se currículos escolares em prol ao acolhimento de sujeitos que historicamente foram excluídos de direitos, e conseqüentemente, foram criadas nas escolas festividades que resgataram, por exemplo, a cultura afro-brasileira, e em especial a sua religiosidade, a prática esportiva capoeira, entre outros costumes socioculturais, reprimidos no passado pela ideologia dominante. Portanto, o mundo está em processo de efêmeras transformações, identidades estão surgindo, culturas estão se construindo, tradições estão sendo repensadas.

² A Globalização se refere àqueles processos, atuantes numa escala global, que atravessam fronteiras nacionais, integrando e conectando comunidades e organizações em novas combinações de espaço e tempo, tornando o mundo, em realidade e em experiências, mais interconectado” (HALL, 2006, p. 67).

O hibridismo cultural é o responsável pela mudança nas comemorações de datas cívicas e religiosas no espaço escolar, como já foi mencionada anteriormente, ressaltando que as (re)construções do passado revelam a sociedade que comemora, comportando *discursos e contradiscursos*³, tornando as comemorações objetos criativos de reflexão histórica.

A globalização não é um fenômeno recente e o tempo e o espaço são as coordenadas fundamentais de todos os sistemas de representação.

As sociedades são construídas em seus espaços e tempos simbólicos⁴, representativos, formadas por identidades espelhadas por suas escolhas culturais, traduzindo suas narrativas em seus contextos históricos. As datas comemoradas no espaço escolar constituem assim manifestações de identidades construídas e reconstruídas através do histórico cultural e artístico, lingüístico e social de seus sujeitos.

3. “Dois pesos, duas medidas”: dois paradigmas, dois tempos de celebração

As datas serão analisadas a partir de dois paradigmas: um concebe as datas comemoradas na escola como representações de um sujeito “sólido”, visto numa concepção de conhecimento acabado, pronto, portador de uma identidade fixa e imóvel, de uma monocultura, imposta pela classe hegemônica, detentora do poder. As datas, então, visavam a uma definição de espaço fixo, situado historicamente. O princípio da territorialidade giravam em torno do sentimento de pertença de seus sujeitos, priorizando a cultura dominante, centralizadora, monopolizadora e estigmatizadora. Em sua essência, eram conservadores e seguiam rigorosamente a idéia de purismo, de continuidade histórica, de sacralização e construção do conhecimento, combatendo qualquer idéia contrária à ordem dos “bons costumes”.

³ Ver Sentidos da Comemoração. Projeto História: revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo: EDUC, n. 20, 2000, p. 330-331.

⁴ “O tempo e o espaço são coordenadas básicas de todos os sistemas de representação. Todo meio de representação – escrita, pintura, desenho, fotografia, simbolização através da arte ou dos sistemas de telecomunicação – deve traduzir seu objeto em dimensões espaciais e temporais. [...] Assim, a moldagem e remoldagem de relações espaço-tempo no interior de diferentes sistemas de representação têm efeitos profundos sobre a forma como as identidades são localizadas e representadas. Todas as identidades estão localizadas no espaço e no tempo simbólicos” (HALL, Stuart. 2006, p. 70-71).

A construção de um outro paradigma faz necessário devido ao surgimento das novas demandas sociais, da heterogeneidade e da multiculturalidade proveniente da Nova Ordem Mundial, a globalização. Desta forma, as datas comemorativas na escola passam a representar uma nova modernidade, ou seja, transitam da modernidade “sólida” para a modernidade “líquida” como bem define Zigmunt Bauman em sua obra “Modernidade Líquida”. “A modernidade sólida foi a era da conquista territorial. A riqueza e o poder estavam firmemente enraizadas ou depositadas dentro da terra – volumosas, fortes e inamovíveis como os leitos de minério de ferro e de carvão” (BAUMAN, 2001, p. 132). Agora, nesta nova concepção, o homem deve acompanhar a velocidade das informações que surgem a todo momento, do progresso tecnológico, do hibridismo cultural. É este segundo paradigma o responsável pelo surgimento da identidade e de sua respectiva fragmentação. A crise torna-se a palavra de ordem neste momento, e muitas representações criam forças, as diferenças se acentuam como marcas deste novo ideário social, os espaços são desterritorializados e dessacralizados. Instala-se a modernidade líquida, um tempo de espaços possíveis, um multi-espaço onde múltiplas culturas se integram numa relação de (des)continuidade e ruptura com a representação fixada por antigas tradições, como bem afirma Bauman (2000, p.146)

A desvalorização da imortalidade não pode senão anunciar uma rebelião cultural, defensavelmente o marco mais decisivo na história cultural humana. A passagem do capitalismo pesado ao leve, da modernidade sólida à fluida, pode vir a ser um ponto de inflexão mais radical e rico que o advento mesmo do capitalismo e da modernidade, vistos anteriormente como os marcos cruciais da história humana [...] De fato, em toda história humana o trabalho da cultura consistiu em peneirar e sedimentar duras sementes de perpetuidade a partir da descontinuidade, e em assim transcender os limites impostos pela mortalidade humana, utilizando homens e mulheres mortais a serviço da espécie humana imortal.

A escola como lugar de memória reflete esta crise, e deve, à luz do novo paradigma, representar não mais o antigo sujeito, o sujeito “iluminista”, mas sim um sujeito pós-moderno, um sujeito de múltiplas culturas. A escola deixa de ser um espaço reprodutor de discurso homogêneo, singular, monocultural para ser um espaço

reprodutor de discurso *heterogêneo, polifônico*, plural, multicultural, enfim um espaço *dialógico*. Enfim, o *discurso de outrem* se fortalece e integra outros discursos, interdiscursos, concretizando a teoria bakhtiniana do dialogismo⁵.

4 História e memória na busca de uma identidade nacional a partir da celebração de datas cívicas e religiosas na escola: dessacralização e desconstrução

A história é escrita e impessoal. A memória é história viva e vivida e permanece no tempo, renovando-se. A história viva é, portanto, o lugar da permanência e nela o desaparecimento das criações grupais é somente uma aparência. A memória não faz corte ou ruptura entre passado e presente porque retém “do passado somente aquilo que está vivo ou capaz de viver na consciência do grupo que a mantém” (HALBWACHS, 1990, p. 81). As representações-vivências do passado são tantas quanto à existência dos grupos, renovando-se no espaço das vidas. As “lembranças estão localizadas no passado de forma estática. Elas são elementos intransparentes, individuais e perdem gradativamente seus pontos de referência no tênue horizonte entre passado e presente” (DIEHL, 2002, p. 116). Entretanto com a memória a coisa é diferente; “constitui-se de um saber, formando tradições, caminhos – como canais de comunicação entre dimensões temporais –, ao invés de rastros e restos como no caso da lembrança (idem, p. 116). Desta forma, a memória é constituída de elementos individuais e coletivos, possuidora de contextualidade e é possível ser atualizada historicamente.

A comemoração nas escolas de datas históricas e religiosas também está ligada à cultura nacional, que por sua vez, são compostas não apenas de instituições culturais, mas também de símbolos e representações. Uma cultura nacional é um discurso – um modo de construir sentidos que influencia e organiza também nossas ações quanto à concepção que temos de nós mesmos. As culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre a “nação”, sentidos com os quais podemos nos identificar, constroem identidades. Esses sentidos estão contidos nas histórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com o seu passado e imagens que dela são construídas. A identidade está profundamente envolvida nos processo de *representação*. Todas as

⁵ Ver Brait, Beth (org.). BAKHTIN: dialogismo e construção de sentido, 2008

identidades estão localizadas no *tempo e espaço simbólicos*. Os lugares permanecem fixos; é neles que temos “raízes”.

Desconstruídos os símbolos que legitimavam a ordem estamental das sociedades tradicionais, os *dispositivos de poder*⁶ que neles se sustentavam se desmancham paulatinamente, e as estruturas sociais da velha ordem se fraturam e desmoronam por falta de legitimidade.

As identidades fraturadas pela diferença acabam influenciando as datas comemoradas no espaço escolar, levando em consideração o contexto em que esse *outro* está inserido.

Datas históricas como “o dia da abolição da escravatura” eram festejadas pela escola considerando a princesa Isabel como heroína. Esta representava, portanto, a “libertação” dos negros. Nos dias de hoje esta data foi ressignificada e reconstruída, trazendo o verdadeiro herói que, por muito tempo, fora excluído dos livros que contavam a história brasileira, “Zumbi dos Palmares”, havendo, desta forma, o ressurgir de um novo discurso, de um novo paradigma, descentrando a representatividade do sujeito “princesa Isabel” para “Zumbi dos palmares”, ou seja, trazendo para o tempo presente histórias verídicas vivenciadas, registradas e guardadas pela memória da população negra.

Seguindo o mesmo caminho – o da dessacralização e da desconstrução - outras datas também foram ressignificadas e reconstituídas, tendo os seus discursos (as suas narrativas) transformados no decorrer do tempo através das novas interpretações surgidas com o advento da globalização, da valorização e respeito às “velhas identidades novas”⁷, como é o caso de eventos negros que são realizados no espaço escolar entre os dias 20 a 24 do mês de novembro, trazendo à tona a cultura negra (candomblé, capoeira, comidas típicas, entre outros costumes). Vale lembrar aqui que leis e políticas públicas foram criadas para conscientizar os cidadãos do respeito e convívio social com as diferenças. A lei 10.639/09⁸ foi um grande passo para que nossos alunos pudessem conviver com as diferenças. A celebração é um dos recursos usados pela escola para resgatar a formação de novas identidades, da construção e reconstrução de novas representatividades.

⁶ Ver Foucault, Michel. Vigiar e punir. 2002.

⁷ Ver TUTIKIAN, Jane. Velhas identidades novas: O pós-colonialismo e a emergência das nações de língua portuguesa. 2006.

⁸ A lei 10.639/03 institui o ensino da cultura afro-descendente e africana nas escolas de ensino básico nas disciplinas de Arte, História e Literatura.

A tese da homogeneidade, da pureza e, principalmente, da propalada inviolabilidade e imutabilidade de identidades serviu de bandeira política ao longo da história. Atualmente a heterogeneidade ocupa lugar no cenário social, sendo responsável pela construção de novas identidades. E é através da representação que essas identidades são constantemente afirmadas, inventadas e reinventadas, conservando ou modificando sua cultura tradicional, *desterritorializando*⁹ e *dessacralizando*, desconstruindo e reconstruindo. Hobsbawm (2008, PP 19-20) nos diz que,

quando as velhas tradições, juntamente com seus promotores e divulgadores institucionais, dão mostras de haver perdido grande parte da capacidade de adaptação e da flexibilidade; ou quando são eliminadas de outras formas. Em suma, inventam-se novas tradições quando ocorrem transformações suficientemente amplas e rápidas tanto do lado da demanda quanto da oferta. [...] Também não devemos esquecer a ruptura da continuidade que está às vezes bem visível, mesmo nos *topoi* da antiguidade genuína. [...] Aliás, o próprio aparecimento de movimentos que defendem a restauração das tradições, sejam eles ‘tradicionalistas’ ou não, já indica essa ruptura.

Podemos, então, entender que as datas comemoradas nas escolas não são meramente festejos surgidos do acaso, mas sim, costumes, culturas, histórias e identidades preservadas através da memória, do passado reconstruído pelo presente à luz das exigências da globalização. “A reorganização dos cenários culturais e os cruzamentos constantes das identidades exigem investigar de outro modo as ordens que sistematizam as relações materiais e simbólicas entre os grupos” (CANCLINI, 2008, p. 309). Desta forma, fez-se uma nova leitura da representação das datas comemoradas no espaço escolar como um lugar de manifestação interdisciplinar do conhecimento.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

⁹ “Desterritorializar. As buscas mais radicais sobre o que significa estar entrando e saindo da modernidade são as dos que assumem as tensões entre desterritorialização. Com isso, refiro-me a dois processos: a perda da relação ‘natural’ da cultura com os territórios geográficos e sociais e, ao mesmo tempo, certas relocalizações territoriais relativas, parciais, das velhas e novas produções simbólicas” (CANCLINI, 2008, p. 309).

Este artigo foi construído por princípios sociológicos e históricos numa abordagem “entre a memória e a histórica” para se compreender como se processa no espaço escolar as comemorações que giram em torno da memória e do resgate cultural de um povo, no sentido regional e nacional, levando em conta a construção da cultura da nação, de suas tradições, de suas construções, reconstruções e até mesmo desconstruções, rompendo com a continuidade histórica e com as tradições culturais produtoras de preconceitos e estereótipos no passado.

A partir da fundamentação teórica pretendeu-se confrontar esses postulados com a prática das comemorações histórico-culturais e religiosas, mediante o surgimento de novas concepções ou novos paradigmas oriundos da globalização. E a escola, como grupo social e coletivo que é, tornou-se um lugar de memória, de confronto de idéias, de multiculturalismo, de representações identitárias. Essas datas representam o novo ideário interdisciplinar de acolhimento desses novos sujeitos históricos que aparecem tardiamente, formando o novo espaço e tempo simbólicos de uma nova sociedade, uma sociedade pluricultural, uma sociedade que em si já é uma festa de culturas, uma celebração de representações artístico-históricoculturalreligiosa.

Esperamos, desta forma, ter contribuído com o conhecimento na linha de pesquisa voltada à memória e identidades, conscientes de que o interesse por esses lugares "onde se ancora, se condensa e exprime o capital esgotado de nossa memória coletiva ressalta dessa sensibilidade. História, profundidade de uma época arrancada de sua profundidade, romance verdadeiro de uma época sem romance verdadeiro. Memória, promovida ao centro da história: é o luto manifesto da literatura" (NORA, 1993, p. 28).

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRAIT, Beth (org.) **BAKHTIN**: dialogismo e construção de sentido. 2. ed.rev. – Campinas, São Paulo. Editora da UNICAMP, 2008, 368 p.

CANCLINI, Nestor García. **Culturas híbridas**: Estratégias para entrar e sair da Modernidade. Trad. Heloísa Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa; tradução da Introdução Gênese Andrade. – 4. Ed. 3. reimp. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

DIEHL, Astor Antônio. **Cultura historiográfica**: memória, identidade e representação. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. Petrópolis: Vozes, 2002.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Trad. Bernardo Leitão et al. 5. Ed. Campinas, São Paulo: Ed. Unicamp, 2003.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. 1. ed. – São Paulo: Centauro, 2006.

Hall, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**, in: GIDDENS, Anthony. *The consequences of Modernity*. Cambridge: Polity Press, 1990.

HOBSBAWM, Eric, RANGER, Terence (orgs.). **A invenção das tradições**. 6. Ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

NORA, Pierre. **“Entre a memória e a história: a problemática dos lugares”**, in: Projeto História. São Paulo: PUC, n. 10, PP. 07-28, dezembro de 1993.

Projeto História: **Sentidos da Comemoração**. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo: EDUC, n. 20, 2000, p. 330-331.

TUTIKIAN, Jane. **Velhas identidades novas: O pós-colonialismo e a emergência das nações de língua portuguesa**. 2006.